Fome e eucaristia: existe alguma relação? Uma aproximação bíblico-litúrgica

José Artur Tavares de Brito[1]

Resumo

Existe uma profunda relação entre o pão da eucaristia e o pão de cada dia, que todo dia falta nas mesas de milhões de brasileiros. O objetivo deste texto inscreve-se nos estudos de temas contemporâneos. Sua investigação consiste em compreender a prática bíblico – litúrgica do Grupo de Peregrinas e Peregrinos do Nordeste (GPPN) na perspectiva da formação do Ser e dos sujeitos envolvidos, sobretudo a prática das celebrações – *ágape* - realizadas nas peregrinações pelo Nordeste brasileiro. O método comparativo da ceia do Senhor e o lava-pés é uma ilustração da relação existente entre fome e eucaristia.

Palavras-chave: Bíblia. Liturgia. Fome. Ágape. Pobre.

Introdução

> "Quanto mais mergulharmos na Sagrada Eucaristia, mais nossos olhos se abram para descobrir Cristo vivo na Eucaristia do Oprimido e do Pobre" (Dom Helder Camara, Aula Magna, Milão, 1981).

Sobre esse assunto da ceia do Senhor, o apóstolo Paulo nos diz que "cada um se reveja e só assim tome do corpo e sangue do Cristo" (1 Cor 11, 33). Esse tema mobiliza mentes e corações. Conversar sobre a Eucaristia ou Ceia do Senhor é um tema espinhoso, tanto porque toca no mais profundo da fé da Igreja, como porque mexe com sensibilidades diversas.

O Concílio Vaticano Segundo deixou uma grande e rica herança para a Igreja. A revalorização da íntima relação que existe entre a eucaristia e a Igreja é um dos grandes bens e heranças do Concílio Vaticano II para toda a Igreja e especialmente para as comunidades espalhadas pelas periferias das cidades e do campo. Nesse

[1] Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco e professor na mesma instituição. *E-mail: artur.peregrino@unicap.br*

sentido as Comunidades Eclesiais de Base e grupos e movimentos populares cristãos foram muito enriquecidos como, por exemplo, o Grupo de Peregrinas e Peregrinos do Nordeste.

É urgentíssimo reencontrar o pensamento, a proposta de Jesus de Nazaré na sua radicalidade. Ao reler as Escrituras, temos que vencer a tentação de procurar nelas razões que justifiquem o status quo. Não podemos furtar-nos da necessidade imperiosa de encarar de frente os desafios que a realidade social, cultural e eclesial coloca para a Igreja hoje.

Como celebrar a Ceia do Senhor, de maneira tranquila, diante de tamanha tragédia humana que é a fome? Menos de uma década após o Brasil ter deixado o Mapa da Fome, em 2014, o país vive hoje um aumento significativo da insegurança alimentar, que estar levando a uma "situação explosiva". É um escândalo saber que o Brasil é um país que se destaca no mundo pela sua capacidade de produção de alimentos. São dados que desafiam a consciência cristã. .

O pão eucarístico, com certeza, está prenhe das virtudes e das exigências do único mandamento verdadeiramente caro ao coração de Cristo, o mandamento do amor fraterno: Jo 15,12; 1Jo 3,17-18. Não se deve esquecer que a graça age, não "apesar", mas "por nosso intermédio", dado que Deus sempre se propõe, nunca se impõe, pois respeita nossa liberdade. "A vida em abundância" (Jo 10,10) é central na mensagem cristã, meta de Jesus em sua missão, vivida com os seus em todos os momentos e culminada na ressurreição. Ora, se a questão da "vida" é central na mensagem de Jesus, também precisa ser central na ação missionária e celebrativa dos seus seguidores e seguidoras.

A razão da encarnação tem como centro o ser humano, criatura co-criadora, imagem e semelhança de Deus. E nesse sentido a ação da Igreja, continuação da obra de Jesus, não tem outra finalidade. A "vida em abundância" passa a ser o centro do Culto ao Deus da vida. Há um dito em latim muito antigo – do tempo dos padres da Igreja pelos idos do século II – atribuído a Irineu de Lion muito expressivo: "gloria Dei, vivens homo" (a glória de Deus é o ser humano pleno de vida). Também recordo o padre Reginaldo Veloso, de saudosa memória, o Pastor do Altos de Córregos de Casa Amarela no Grande Recife, pioneiro das Comunidades Eclesiais de Base, que compôs um hino para a Campanha da Fraternidade

Ecumênica de 2016: "Vida tu és o sonho mais lindo de Deus. Vida, em plenitude, és também sonho meu."

1 A vida como ponto de partida da ação litúrgica

> "A Igreja faz a Eucaristia e a Eucaristia faz a Igreja" (Henry Lubac, Méditation sur l'Église).

A ação litúrgica deve ser expressão das vivências entre as pessoas. A relação entre as pessoas expressa o tipo de humanismo que se vive. Se "Deus quer a salvação a partir do corpo" (SUSIN, 2005, p. 31-51) e se a salvação é "vida em plenitude", implica a passagem de situações menos humanas para mais humanas. Segundo Brighenti,

> como o "descenso" de Deus foi em vista de um "acenso" de toda a obra da criação, "ressureição" e, antes de tudo, "transfiguração", não de uma outra realidade que a presente, mas da mesma realidade "desfigurada" por tantos sinais de morte, que atentem contra os desígnios de Deus para toda a obra da criação (BHIGHENTI, 2021, p. 101).

Pela encarnação, "Deus, sendo rico, se fez pobre, para nos enriquecer com sua pobreza" (2Cor 8,9). Os evangelhos nos apresentam um Jesus de Nazaré que nasceu e viveu com os pobres. De acordo com o evangelho segundo Lucas, o anúncio da boa nova da libertação dos pobres constitui o centro da mensagem de Jesus. Essa mensagem, desde o início, foi percebida por um vigoroso cristianismo popular, especialmente nas Igrejas periféricas. Segundo Boff, ele não é uma forma decadente do oficial; ao contrário, possui igual dignidade ao encarnar a mensagem de Jesus na cosmovisão popular" (BOFF, 2011, p. 166). É verdade que esse tipo de cristianismo popular foi quase sempre menosprezado, submetendo os fiéis às doutrinas e aos ritos do corpo clerical. É um cristianismo que se expressa pelo imaginário e dar vasão ao coração e o afeto.

Essa cosmovisão popular vem do mundo antigo. Os povos antigos viam todos os elementos da vida a partir da fé. As sociedades se organizavam de forma

religiosa. Tudo fazia parte do culto: o nascimento, as relações humanas, a caça, a medicina e a vida familiar. Esses elementos, de certa forma, continuam presentes nos dias atuais como descreve Gilbraz Aragão:

> No cotidiano do pobre, confundem-se a vida do corpo e a vida do grupo, o trabalho manual e as crenças religiosas. O que caracteriza a cultura popular é o fato de ser muito grupal, mas resguardar um espaço privatizado para a fé, de valorizar tanto materialismo como animismo, possuindo uma visão cíclica da existência que remonta à vida rural e interpreta tudo pelos ciclos da natureza. De forma que o homem pobre, no interior ou no subúrbio, conhece o uso da matéria, mexe com a terra ou com instrumentos mecânicos que são seu meio de sobrevivência. Por isso ele é realista, prático, sabe até onde pode agir, mas, ao mesmo tempo, recorre a uma força superior que se desdobra em entidades carregadas de energia (os santos e espíritos) (ARAGÃO, 2013, p. 21).

A vivência do Evangelho de Jesus na cultura do cristianismo popular é festivo, acompanhado de santos e santas protetores, cheio de cores, danças, bebidas e comida.

De fato, para destacar a centralidade da mensagem do nazareno é importante lembrar a solene introdução à vida pública de Jesus de Nazaré (Lc 4,18) — por sinal, desde o documento de Medellín, foi o texto bíblico mais citado na América Latina. Ou, então, o cântico de Maria, o *Magnificat* — espécie de síntese de todo o terceiro evangelho.

Claramente, o evangelho dirige-se aos pobres, e Lucas respeitou essa orientação ao redigir seu evangelho (MESTERS, 1991). Jesus veio para os pobres. Seu evangelho dirige-se aos pobres, sendo para eles a resposta à imensa aspiração de libertação. Lucas, autor do evangelho e dos Atos dos Apóstolos, cuja obra, segundo alguns biblistas, deveria chamar-se com mais propriedade "Atos de Jesus e do seu discipulado". A obra lucana se preocupa em ligar a vida histórica de Jesus, sua paixão e sua morte, com a história dos primeiros anos da Igreja. Ou seja, o mesmo Espírito que animou Jesus foi o mesmo que animou as pessoas das primeiras comunidades cristãs.

Nos primeiros tempos do cristianismo havia discursão se o rico poderia fazer

parte da comunidade. Não precisa fazer grandes esforços para perceber que na sua quase totalidade eram os oprimidos e oprimidas da sociedade da época que acorreram à proposta do cristianismo nascente. O evangelista Lucas sente que seu evangelho deixa os ricos desconcertados. Se Jesus veio para os pobres, qual será o lugar dos ricos?

No início tudo era muito simples. As comunidades cristãs primitivas encarnavam o Espírito de Cristo. As relações sociais e a espiritualidade deveriam ser mediadas pelo amor-serviço. O serviço e cuidado eram intrinsecamente ligados ao culto. Isso implica dizer que os cristãos eram desafiados a construírem e desenvolverem, em sua práxis diária, um relacionamento íntimo e pessoal com Jesus Cristo que servisse para o discernimento, ou seja, servisse como referencial para a tomada de decisões em comunidade.

2 A igreja dos pobres, o grupo de peregrinas e peregrinos do nordeste e o ágape

> "A Igreja se apresenta e quer ser a Igreja de todos, em particular, a Igreja dos pobres" (Papa João XXIII, um mês antes da abertura do Concílio Vaticano II).

O compromisso com os pobres é uma nota ou característica fundamental da Igreja de Jesus. "O ser "dos pobres" é um aspecto fundamental e determinante do mistério da Igreja" (AQUNINO JUNIOR, 2021, p. 53). Por isto, as Comunidades Eclesiais de Base expressam uma "Igreja que nasce da força do Espírito no meio do povo" (BARROS, 1996, p. 21). Se pensamos nas primeiras Igrejas, podemos dizer que quase todas eram *"comunidades de base"* no sentido de grupos majoritariamente pobres e de relação horizontal.

As Igrejas dos primeiros séculos eram marcadas por uma rede de Igrejas familiares espalhadas. O que se convencionou chamar de "Igreja Doméstica". O biblista Branicik afirma:

> Para entendermos a Igreja nascente, se faz necessário um olhar mais cuidadoso sobre a natureza da Igreja Doméstica. As instruções sobre a vida da Igreja, no entanto, tornam-se mais compreensíveis

> quando lidas a partir da perspectiva da família, ao mesmo tempo que jorra luz sobre tais grupos" (BRANICIK, 1994, p. 9).

As comunidades se reuniam nas casas ou ao ar livre. Também tinham uma predileção para se reunir perto do túmulo de alguém que tinha dado a vida pela causa do Evangelho. Eram chamados de mártires que quer dizer aqueles que deram testemunho com a própria vida. Era do contexto da época se reunirem às escondidas por causa da perseguição. E nesse caso, a Igreja reunida, fosse aonde fosse, estaria no seguimento do Caminho, isto é, de Jesus de Nazaré, o Cristo. Muito ilustrativa é uma carta do apóstolo Paulo à comunidade de Corinto que inicia dizendo: "Com efeito, meus irmãos, pessoas da casa de Cloé" (1Cor 1,11).

Já naquela época as coisas começaram a mudar. Quando foi que a Igreja do Caminho, organizadas em uma rede de comunidades familiares começou a mudar saindo da casa para um grande ambiente institucionalizado? Em uma reunião ocorrida entre os anos 363 e 364 dC ocorreu o Sínodo de Laodiceia (foi um sínodo regional de aproximadamente 30 clérigos da Anatólia, hoje atual Turquia) que proibiu a realização da eucaristia nos lares, nas famílias com o decreto do Cânon 58: "Sacrifícios não devem ser oferecidos pelos bispos ou anciãos nos lares".

Com essa proibição de Laodiceia, a ceia do Senhor mudara-se de uma refeição noturna para um ritual estilizado. A assembleia mudara-se da sala de jantar para um salão sagrado. A liderança dos membros da família, para um clero especial. Agora, a forma original de Igreja fora declarada ilegal.

A história caminhou e, a partir daquela época, muita coisa mudou nas Igrejas. Na América Latina, as comunidades eclesiais de base (CEBs) nasceram nos anos 60, logo depois do Concílio Vaticano II, como expressão da proposta do papa João XXIII: voltar às fontes da fé e ao mesmo tempo inserir-se na realidade atual do mundo.

É importante ver como tal caminho implica numa profunda relação entre CEBs, que se inclui o Grupo das Peregrinas e Peregrinos do Nordeste[2] - GPPN, e Eucaristia. O GPPN surgiu em 1986 no estado de Pernambuco e logo teve adesão de várias pessoas do Nordeste. Caracteriza-se como um grupo que faz caminhadas a

[2] A partir de agora indicado apenas como GPPN.

pé no meio do povo mais pobre do Nordeste. É um grupo ecumênico composto por pessoas de várias Igrejas cristãs.

O GPPN coloca em seus critérios para caminhar o seguinte objetivo: "Vivenciar no encontro com os empobrecidos e empobrecidas uma experiência de Deus expressando uma Igreja samaritana movida pelo dinamismo do Espírito que nos impulsiona para uma Igreja em Saída assumindo a dimensão social e profética da Ceia do Senhor como mesa aberta a todos e como sacramento da partilha e da justiça sócio-econômico-ambiental" (PEREGRINO, 2020, p. 7). Entre outros itens chamam de mandamentos da peregrinação: "1. Durante toda caminhada não andar de outra maneira a não ser a pé. Isso possibilita o encontro radical com as pessoas e a natureza. 2. Durante todo trajeto não carregar e receber dinheiro para estar mais disponível para se fixar no essencial. 3. Não carregar comida de um lugar para outro durante a caminhada, pois a comida que receber deve ser partilhada com os mais pobres do lugar visitado" (PEREGRINO, 2020, p. 7).

O Ágape como dom e partilha se dá em todo caminho percorrido. A prática da celebração tem levado o GPPN a fazer algumas reflexões. Um questionamento interpela a todos e todas: Existe alguma relação entre o pão da eucaristia e o pão de cada dia, que falta nas mesas de milhões de brasileiros? A resposta é imediata e afirmativa. O caminho vivido com os empobrecidos e empobrecidas leva a uma permanente celebração do Ágape tendo sempre presente o que diz o Senhor: "Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles" (Mt 18, 20), ou seja, da presença real do Senhor na Ceia dos Pequeninos.

Considerações finais

Como resgatar o caráter eminentemente profético da celebração da Ceia do Senhor nesse contexto de exclusão, de fome e de miséria em que vivemos?

Só entenderemos o significado profético e concreto da partilha do pão e do vinho na Ceia do Senhor, se a colocarmos em paralelo ao gesto do lava-pés. Só compreenderemos o alcance real do "façam isto em memória de mim" se escutarmos este mandamento, muito aquém e muito além da simples tradição de um ritual, por importante que pareça ser, junto com o gesto-parábola-mandamento

do Senhor.

Não seria a hora de fazer o caminho do Samaritano e nos apressarmos em ajudar os excluídos e excluídas, marginalizados e marginalizadas da sociedade e das Igrejas a se levantarem e assumirem, com conhecimento de causa e competência, sua dignidade de ministras e ministros na celebração dos Mistérios da Fé?

Referências

ARAGÃO, Gilbraz. Inculturação da fé cristã na religiosidade popular. **Vida Pastoral**, São Paulo, ano 54, n. 289, abr. 2013. Disponível em: https://www.vidapastoral.com.br/artigos/temas-pastorais/inculturacao-da-fe-crista-na-religiosidade-popular/. Acesso em: 12 out. 2019.

AQUINO JUNIOR. Francisco de. **A Igreja de Jesus**: missão e constituição. São Paulo: Paulinas, 2021.

BOFF, Leonardo. **Cristianismo:** o mínimo do mínimo. Petrópolis: Vozes, 2011.

BARROS, Marcelo; PEREGRINO, Artur. **A festa dos pequenos**: as romarias da terra no Brasil. São Paulo: Paulus, 1996.

BRANICK, Vincent. **A Igreja Doméstica nos Escritos de Paulo.** São Paulo: Edições Paulinas, 1994.

BRIGHENTI, Agenor. **Teologia Pastoral**: a inteligência reflexiva da ação evangelizadora. São Paulo: Paulinas, 2006.

MESTERS, Carlos. **Paulo Apóstolo**: um trabalhador que anuncia o Evangelho. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

PEREGRINO, Artur. **Diário da Peregrinação**. Recife: CPT, 2020.

SUSIN, L. C. "Le danger de vivre et la créativité de la foi". In: MULLER, H.A.M. & VILLEPELET, D. **Risquer la foi dans nos sociétés** – Églises d'Aamérique latine et d'Europe en dialogue. Paris: Karthala, 2005, p. 31-35.